

Tony Lima



"Com o tambor que eles proibiram, tiraram-nos a nossa cultura"

António Pedro Monteiro Lima, artisticamente conhecido como Tony Lima, é uma figura marcante da música cabo-verdiana. No meio artístico é reconhecido como Tony Lima, enquanto no universo profissional mantém o nome completo, António Pedro Monteiro Lima. Iniciou a sua carreira profissional em Cabo Verde, na década de 1970, já trazendo consigo uma sólida vivência musical construída antes da sua chegada ao país. É autor da emblemática canção "Amílcar Cabral Bu Morri Cedu", composta em 1973, uma obra que homenageia o líder da luta de libertação, Amílcar Cabral, e que se tornou parte significativa da memória cultural da região.

P: De que forma a música em Cabo Verde se afirmou como ferramenta de resistência ao colonialismo, sobretudo através de composições que fortaleciam a consciência política e evocavam figuras centrais da libertação como Amílcar Cabral?

R: Fui eu que fiz aquela música “Amílcar Cabral Bu Morri Cedu”, e essa música nasceu assim em 1973 “Amílcar Cabral Bu Morri Cedu”, portanto no dia 20 de Janeiro, eu ia da casa onde morava, fora de Paris, para a minha universidade, que fica nas portas de Paris. Bom, já não me lembro muito bem... Paris 8, em Vincennes. Ao chegar à universidade, um amigo meu, da Eritreia, disse-me: as minhas condolências, camarada. Éramos todos camaradas, gente que tinha algumas ideias já avançadas sobre o que nós éramos, o que nós representávamos como africanos, em França, sobretudo, e tínhamos uma noção muito concreta do que era o racismo e do que era o espírito que reinava antigamente nas universidades. E havia uma espécie de resistência, sobretudo dos africanos organizados, que tinham noção e consciência daquilo que se passava em África, e nomeadamente nas antigas colónias portuguesas, portanto, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.

E então, quando ele me deu as condolências, eu disse, mas condolências porquê? O que é que tu estás a dizer? Ele disse, então tu não sabes? Eu disse, não, o que é que se passa? Eram oito da manhã, qualquer coisa assim, e como eu me tinha levantado cedo para poder tomar o comboio para ir até à universidade, eu não sabia de nada, e ele disse, mataram o Cabral. Olha, a notícia foi um choque terrível, e foi de tal maneira que eu não pude ir naquele dia para a universidade, regressei a casa. E à noite, eu fiquei a pensar, a pensar, a pensar, há muitas coisas em que pensar quando se dá uma situação dessas, a da morte daquele homem, o homem que eu mais admirava no mundo, Amílcar Cabral, e foi uma coisa que me perturbou bastante.

Chegado a casa, eu tinha que voltar para Paris, porque eu trabalhava num prédio onde era segurança da noite, e foi naquele trabalho de segurança que eu comecei a escrever “Amílcar Cabral, Bu Morri Cedu”, porque o meu pensamento fez-me pensar que, efectivamente, ele foi demasiado cedo, nós tínhamos ainda que trabalhar para a independência da Guiné e Cabo Verde, estávamos em 1973, e ele tinha falado disso no seu último discurso e na sua última entrevista, falava de ser morto por gente dele, ele tinha visto essas coisas, e eu, que recebia os documentos secretamente da Zona Libertada e outros documentos que vinham pelas mãos de cabo-verdianos que passavam por lá, eu tinha a noção de que havia um perigo iminente para Amílcar, mas não fazia ideia nenhuma que seria assim, uma traição tão violenta, uma coisa tão... mas foi tão violento para mim que aquilo que eu digo e aquilo que eu escrevo para aquela música é um choro, verdadeiramente, é um choro. “Amílcar Cabral Bu Morri Cedu, bu morri cedu”. Bu Morri Cedu” é um choro, porque eu estava a chorar naquele momento.

E então, eu penso que foi ali que eu disse, não, eu tenho que fazer alguma coisa, o que é que podia fazer, o Lenin tinha um livrinho assim, que dizia “que faire”, em francês, “que fazer”, então a partir daquele momento, eu disse, não, eu vou tentar fazer alguma coisa para a luta, porque deve-se dizer antes que em 1972, eu tinha ido, eu era estudante, tinha evoluído bastante do ponto de vista da minha consciência política, eu fui confrontado muito cedo, em 1969, em França, com o racismo. Eu tinha um amigo francês com quem ia para a universidade, era uma outra universidade, em Tours, eu comecei em Tours, e uma vez vi escrito na parede, em branco, “Alto invasion des négroïdes, alto invasion des négroïdes”, Alto invasão de negros, eu fiquei espantado a ler aquela coisa, o meu amigo sentiu a minha desorientação e disse, não te preocupes, são os tipos de extrema direita que fazem essas coisas, mas são muito poucos, tu vais ver, a França não é assim.

E então, a partir daí comecei a minha reflexão de facto política: porque é que chamam às pessoas négroïdes, porque é que há essa raiva contra os negros, porque é que eles ainda estão em África, se não querem os negros, lá? Foram interrogações assim que me levaram a pegar em livros mais políticos do que os livros, digamos, didácticos, de aprendizagem da língua francesa ou de ciência política, não, ciência política comecei mais tarde, de sociologia, e então, a partir daí, eu evolui na minha consciência política, comecei a fazer com os meus irmãos e outros amigos, a ensinar aos nossos conterrâneos, tanto guineenses como cabo-verdianos, a ler, eu fazia, como é que se chamava... eu fazia alfabetização. Nós começámos a ir aos ‘foyers’, aos lugares onde eles habitavam para fazer alfabetização, foi a partir daí que, conversando com as pessoas, fomos conhecendo melhor os nossos conterrâneos, porque na realidade eu nasci no Senegal e não vivi em Cabo Verde, eu tinha ido de férias em 1966, coisas assim, mas eu estava fora da realidade concreta do viver do cabo-verdiano. Então essas coisas permitiram-nos não só dar uma ajuda aos nossos conterrâneos, como também sermos ajudados a conhecer melhor a nossa própria realidade, portanto é sempre um jogo de aprendizagem dos dois lados, eu aprendi isso naquele momento, é de uma extrema riqueza o que nós conseguimos saber de uma pessoa que espera a chuva, vem a chuva, depois pára, não vem mais, tem que cultivar uma segunda vez, às vezes três vezes, nós soubemos disso a partir das conversas que nós tínhamos com aquela gente que vinha dos seus lugares de Santiago, de Santo Antão, etc, através deles é que nós aprendemos a realidade concreta do país.

Portanto, foi um jogo de intercâmbio muito positivo que permitiu a evolução da consciência. Em 1972, Julho, Agosto, eu fui a Dakar ver a minha mãe, e em Dakar eu soube que o PAIGC ia dar um show no teatro Daniel Sorano, então eu fui lá e pela primeira vez vi a Teresinha Araújo que cantou uma morna, depois é que ela me disse que era a morna preferida do Amílcar Cabral, eu aproximei-me dele quando ele saiu do teatro e disse-lhe, “camarada Amílcar, eu estou cá porque eu quero ir para a luta”, eu queria ir para as zonas libertadas, “filho quem é?” Ele perguntou muito rápido, “oi filho quem é?” Eu disse, “eu sou filho de Lino Lima, Lino Peppa”, sabia, porque já se tinham conhecido naquele tempo quando ele morava ali na Ponta Belém e o meu pai morava do outro lado da cidade ali, na Rua do Correio, aqui, mais ou menos nessas

bandas aqui, e então conheceram-se, e ele disse-me, “estás a estudar?” Eu disse sim, “eu estou em Paris, estou a estudar, e tal e tal”, e contei-lhe, ele disse-me, “olha, tu quando terminares e tiveres o teu diploma, tu vens, porque nós teremos necessidade de vocês depois da independência, temos necessidade de gente bem formada depois da independência”, foi um espanto para mim porque eu queria ser mais um a ir para a luta e voltei para Paris e, alguns meses depois, mataram o Amílcar Cabral.

Fiz aquela música e a partir daí comecei a pensar no que fazer, formei um grupo de teatro musical que ia de cidade em cidade, não só em França, mas na Alemanha, na Bélgica e em outros lugares, já não me lembro bem, a convite das organizações anti-imperialistas e anti-colonialistas daquele tempo. Nós não as conhecíamos, mas elas souberam de um grupo que se deslocava um pouco por todo o lado, disseram isso aos outros grupos e assim fomos convidados para várias cidades onde nos recebiam numa sala de teatro e nós fazíamos a nossa apresentação.

Quem fazia parte daquele grupo? Eu não tinha tempo, não é que não tivesse tempo, bom... a partir de 1973 eu disse, esta guerra não vai durar muito mais tempo, se efectivamente nós queremos fazer alguma coisa é aqui e com a gente que temos à nossa volta, então quem é que tinha à minha volta? Os meus irmãos, era a Diana que cantava de uma forma sublime, a minha irmã Diana, o Jójó, o Leonildo não entrou, o Jorge, a Mena Barreto, que é a minha prima, que vivia também em Paris, no início até era o Bonga, mas depois ele não ficou, depois havia o Abel Lima e havia a Alice Sainte-Luce que também vivia em Paris e um congolês que era nosso amigo da universidade que quis entrar também. Pensei nos países em luta, chamei àquele grupo de teatro musical Cao Guiamo, Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique, que eram os países em luta, não havia Timor e nem havia São Tomé. Cao Guiamo é isso, Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique, eu tinha já algumas composições porque desde há muito tempo eu faço poesia e música e é interessante porque as minhas músicas são todas em crioulo, mas as minhas poesias são todas em francês, eu tenho um livro de poesia em francês.

E portanto, a partir daí nós começámos a sair, deu-se o 5 de Julho [dia da independência de Cabo Verde], nós viemos para a Praia, fizemos o teatro no cinema que existia, aqui no antigo cinema, depois foi Santa Catarina, depois foi São Vicente, no Liceu velho. E então, depois regressámos a Paris. Já em Setembro, tendo terminado e tendo o meu diploma, não terminei completamente, porque eu estava no primeiro ano do doutoramento, saí, eu disse, bom, eu vou com o mestrado e depois verei como fazer o doutoramento, voltei em Setembro de 1975. Fui ver primeiro o Kikito, Carlos Reis, que era ministro da educação, para lhe dizer, eu quero trabalhar como professor em algum lugar, eu tenho o mestrado, o que é que me diz? Ele falou, vai inscrever-te para ser professor. Bom, eu ir inscrever-me, não gostava muito, depois falei com o [Pedro] Pires, ele disse-me para ir um dia ter com ele, ele ia decidir sobre algumas coisas e, por acaso, eu estava a querer o posto de director de informação, eu queria ser director de informação, mas o senhor que estava antes de mim, passou primeiro, antes de mim, quer dizer, eu vi-o passar, eu estava à espera de ser recebido, vi-o passar e entrar no gabinete do Pires de onde saiu já como director de informação,

então o Pires propôs-me, queres ser director do turismo? Naquela altura o turismo não me dizia absolutamente nada, se eu soubesse o que ia acontecer tinha aceitado, porque agora dá muito dinheiro ao país, mas naquela altura, Cabo Verde era considerado um país inviável para as grandes organizações internacionais, que chegaram a dizer ao Pedro Pires: o vosso país é inviável, o Pedro Pires é que lhes disse: não sei se é inviável, mas nós vamos tornar este país viável, porque nós estamos aqui para ficar.

Então, foi assim que eu fui parar a um sector que tratava do regresso dos “titcharinhos”, que eram, naquela altura, os angolanos, os retornados, os cabo-verdianos de Angola, havia confusão lá também, eles voltaram para a terra, e a terra não tinha como acolher essas pessoas, porque nós mesmos estávamos em dificuldade. Foram à procura das famílias deles, das que se recordavam, outros foram para casas que lhes foram destinadas para os receber. A esses retornados chamámos “titcharinhos”, porque eram muitos, titcharinho é um peixe pequeno. Foi assim que eu fui para um gabinete dirigido pelo Baró, que se encarregava de organizar o acolhimento e de distribuir essa gente por onde nós pensávamos que podiam ir. Outros vinham ter connosco e diziam, não, eu moro em Santa Clara, ou no Sal, ou na Brava, tínhamos que ver como organizar isso, estávamos no início da independência, tudo era para pensar, era uma coisa terrível. E depois daquela fase de tratar dos “titcharinhos”, eu fui-me ocupar da minha própria “titcharização”, porque eu tinha que me ocupar de mim mesmo.

Estavam a criar o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Nomearam o Abílio Duarte, colocaram-no onde actualmente é a sede do partido, do PAICV, lá naquele bequinho, antes da descida da praia, era lá que ficava o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Éramos cinco ou seis pessoas as que foram para lá, era o Raul Barbosa, era eu, o José Brito, o Scapa, Jorge Daniel Spencer Lima, o Bettencourt foi recrutado, mas estava ainda na Holanda, o António Pires, parece-me que foi recrutado naquela altura para ficar lá na Alemanha onde ele estava a estudar, e outros, gente que vinha para ser secretário, porque naquele tempo tínhamos que ter secretárias, e um guarda, e foi esse grupinho aí quem começou o Ministério dos Negócios Estrangeiros. E devo também dizer que naquela altura eu não sabia muito português, exprimia-me, escrevia, sobretudo em francês, então o Scapa estava ao meu lado, o Jorge Daniel Spencer Lima, que estava sentado numa mesa à minha frente, também, cada vez que eu escrevia uma palavra ou uma carta, porque começámos logo a responder, por exemplo, às cartas que nos felicitavam pela brilhante luta armada e pelo acesso à independência, nós tínhamos que responder em nome do ministro. Eu escrevia em francês, passava ao Scapa, o Scapa corrigia, não, escrevia no meu português, ele corrigia. Quando ele fazia uma coisa em francês, passava-me para eu corrigir. E foi assim que nós avançámos, ele evoluiu em francês e eu evolui em português.

Eu queria dizer que aquelas músicas todas, porque não há só Amílcar Cabral Bu Morri Cedu, há Menino Manso. Essa música retratou um pouco aquilo que eu vi quando eu vinha de férias na década de 60, meninos com barrigas grandes assim, na achada grande de trás. Eu tirei fotos, que mandei para o secretariado em Conakry. Lembro-

me que estava lá, eu estava lá, e fiz aquela música pensando neles. Há uma música também sobre o veleiro que vem trazendo escravos. A minha inspiração é sobretudo sobre o martírio que os nossos povos passaram nas mãos dos portugueses, como nós, outros, dos franceses, outros ainda, dos britânicos, etc, etc. E então era uma reflexão sobre nós, mas tomando a experiência do nós maior, o nós africano. Eu tornei-me um africanista desde aquele tempo. Eu não tenho dúvidas sobre a minha africanidade.

Infelizmente, em Cabo Verde, há muitos que ainda não sabem. Houve um professor que disse ao meu filho de sete anos, o Kwame, que nós somos do Atlântico. Então o meu filho, que era já um pouco irreverente, disse ao professor, “então nós é peixe”. Para mostrar que ele não podia ser do Atlântico, tínhamos que pertencer a algum lado. Foi uma coisa interessante que eu me lembro sempre, porque mostra até que ponto a nossa alienação foi pesada. O nosso martírio enquanto povo, a nossa história enquanto povo foi extremamente dura. Quando você proíbe um povo de tocar o tambor e o povo é obrigado a apanhar qualquer coisa para imitar o tambor, aí você diz, sofreram muito pá, porque nos tiraram a nossa cultura. Com o tambor que eles proibiram, tiraram-nos a nossa cultura. E como um povo não pode ser povo sem ter cultura, inventámos a nossa cultura. O povo cabo-verdiano é um povo extraordinário porque ele reinventou tudo. Aconteceu uma reinvenção do africano pelo próprio africano para poder sobreviver. E criámos uma língua a partir da língua do dominador. Tal como em todas as Caraíbas onde fizeram um crioulo a partir da língua do dominador. Uns a partir do francês, outros a partir do inglês, nós a partir do português. E é interessante como vemos o crioulo cabo-verdiano passar através dos escravos para alguns povoados e alguns povos da América Latina. Há duas ilhas que falam, como eles dizem, igual ao cabo-verdiano, a língua cabo-verdiana, “Curaçau” ou qualquer coisa assim. E então, isso para dizer que essa trajetória nossa é preciosa, é muito preciosa, porque ela nos diz como é que o africano é capaz, para sobreviver, de inventar uma outra língua, de inventar uma outra cultura, de inventar outra coisa para poder resistir e enfrentar a realidade e tornar-se alguém. Tornar-se alguém, porque não éramos nada. O escravo não era nada.

Então, o que é interessante aqui é ver a distância que há entre aqueles que assumiram esse renascimento que foi a independência e outros que ficaram ainda a querer ser portugueses de segunda, ou coisa assim. Recentemente, vemos gente que se diz cientista, a inventar teses, que são teses que não dão em nada, que põem o cabo-verdiano aí entre dois [mundos]. Não, não, nós somos duas coisas... Temos que assumir a nossa africanidade. São os africanos e aqueles que vieram da Europa, que se juntaram e fizeram aquilo que nós somos. Mas nós, somos cabo-verdianos, sim, e somos cabo-verdianos e africanos. Enfim, outros pensam que não é assim e procuram uma série de razões. Mas eu acho que a alienação não está muito longe daqueles que pensam que nós não somos africanos ou que procuram afastar-se da África ou que procuram sujar a África para surgir como um povo eleito.

Não sei, mas o que eu quero dizer aqui, neste momento, é que a África é a esperança do mundo. Cabo Verde não pode perder tempo porque nós somos pequenos. Nós não temos força, não temos que ser forçosamente como aqueles que inventaram o

mundo unipolar. Mas temos que acompanhar o processo no qual estamos, que vai para um mundo multipolar, sim. Que será mais justo, sim. Que será mais equitativo, sim. Que será mais solidário. Porque antigamente vivemos a escravidão, o colonialismo, o neo-colonialismo.

As letras que você pode ver são todas letras que incitam as pessoas a refletirem sobre a sua realidade. A refletirem sobre o mundo que queremos. Será um mundo como nós vivemos no século XX, onde há meninos que morrem de fome. Porquê? Porque há meninos que morrem de fome aos milhares, enquanto há indivíduos que têm milhões de dólares que não sabem o que fazer com aqueles milhões de dólares. É um mundo estúpido. Um mundo perverso. É um mundo que não dá em nada. Porque onde morrem meninos, porque o mais forte bombardeia as suas famílias, onde há um mundo assim, há perversidade. Não sei como qualificar um mundo assim, mas é insuportável ver um mundo que tem leis internacionais bem definidas, porque eu estudei todas essas leis internacionais, eu sei o que é. Eu fui diplomata durante 40 anos, fui embaixador nas Nações Unidas, onde se verificam todas essas coisas, onde se verificam essas leis. E você tem, de repente, uma situação em Gaza, onde os palestinianos, que têm razão, no fundo, de estarem na terra deles porque foram expulsos 75 anos antes, serem bombardeados daquela maneira. Quarenta e tal mil mortos. É uma coisa que é revoltante, porque nos leva àquele mundo antigo, o “dos mais fortes é que mandam e os mais fracos têm que obedecer”.

Portanto, Cabo Verde tem que se definir muito bem porque nós estamos a avançar para um mundo, onde África vai contar, porque seremos o continente mais povoado do mundo. Vejam a Ásia, e esses países, é gente que tem peso populacional, é gente que tem uma visão de seu futuro. Nós temos que fazer assim, nós não podemos continuar a depender do outro para comer, para viver, para sobreviver, nós não podemos, isso acabou no século XX. O século XXI é o início de uma nova era onde todos, “quer a gente queira” ou “quer a gente não queira”, onde todos seremos iguais, porque é o futuro, e onde teremos que lutar com todos aqueles que querem igualdade, que querem justiça, que querem a esperança para o mundo.

Isso é fundamental, porque a geo-política internacional está a mudar, e quando mataram o Cabral, e quando eu fiz aquela música, eu tinha uma noção clara da perda de um ser humano excepcional, a perda de um ser humano extremamente válido, que iria fazer falta para nós todos, não só em Cabo Verde, Guiné, mas em África, no mundo, porque ele era um humanista, era antes de tudo, um homem que queria viver como qualquer um e ser como qualquer um, não dependendo da cor, não dependendo da classe, não dependendo de nada, termos todo o direito de sermos homens, de sermos, digamos, aqueles que vão andar para levar o mundo para o seu futuro.

Amílcar Cabral para mim, representou um segundo pai, um guia, era um homem que independentemente das nossas crenças políticas e outras, a quem devemos agradecer, esse homem fez por nós o que poucos poderiam fazer.

Quem viveu lá na Guiné, podia escolher se ia para a luta ou se ficava com os portugueses, mas ele despertou em Cabo Verde uma coisa especial, uma espécie de chama para ir à luta, ninguém obrigava os nossos combatentes aqui a ir para a luta. Ele despertou em nós a fibra nacionalista, a fibra de homens livres. Eu tenho uma nova música que fiz e que diz “Guiné, oh, irmã ki luta pa braço di liberdade, óji ta djuda pa fazi bon, depositando sofrimento”. Eu canto isso pelos cabo-verdianos que foram lutar lá e eles dizem “mi kati, oji lutar madja tiu, mamidera ser”.

Entrevistador (a):
Edição: 2025

